

A produção de parafasias em sujeitos com afasias fluentes e não fluentes

(Paraphasia production in subjects with fluent and non-fluent aphasias)

Thalita Cristina Souza Cruz¹

I Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

thalita.souza.cruz@gmail.com

Abstract: This paper, developed within the scope of enunciative-discursive Neurolinguistics, aims to discuss the status of paraphasias, a phenomenon observed in the speech of aphasic subjects, from the analysis of data obtained in dialogic episodes that occurred in sessions of the CCA – Center for Aphasic Subjects at IEL/Unicamp. Paraphasia is considered a high frequency phenomenon in aphasia, but it can also be seen in non-aphasic subjects and is characterized by the production of a word in lieu of the target word. The neuropsychological literature relates semantic paraphasias to fluent aphasias. From the theoretical framework presented here, we seek to challenge such statement and develop the hypothesis that semantic paraphasias are also present in non-fluent aphasias.

Keywords: Paraphasia; Aphasia; Semantic organization.

Resumo: O presente artigo, desenvolvido no âmbito da Neurolinguística enunciativo-discursiva, busca discutir o estatuto das parafasias, fenômeno observado na fala de sujeitos afásicos, a partir da análise de dados obtidos em episódios dialógicos, que ocorreram em sessões do CCA – Centro de Convivência de Afásicos do IEL/Unicamp. A parafasia é um fenômeno considerado de alta frequência nas afasias, mas que também pode ser observado na linguagem de sujeitos não afásicos e caracteriza-se pela produção de determinada palavra no lugar de outra – a palavra-alvo. A literatura neuropsicológica relaciona a parafasia semântica às afasias fluentes. A partir do referencial teórico aqui apresentado, busca-se questionar essa afirmação e desenvolver a hipótese de que as parafasias semânticas estão presentes também nas afasias não fluentes.

Palavras-chave: Parafasia; Afasia; Organização semântica.

Introdução

As parafasias são tradicionalmente definidas como a troca de uma palavra ou de um som que se quer enunciar por outra palavra/som. Elas são, na literatura neuropsicológica, tradicionalmente classificadas em três categorias: i) *fonológicas* (ou literais) – quando ocorre a troca de um som por outro; ii) *lexicais* – quando há trocas entre palavras sem relação semântica aparente; e iii) *semânticas* – quando há uma relação semântica clara entre a palavra-alvo e a palavra produzida¹. Em geral, são compreendidas como um dos sintomas das afasias classificadas como *fluentes*; no entanto, é possível observá-la também em sujeitos com afasias não fluentes e mesmo em sujeitos não afásicos. Os estudos neurocientíficos tradicionais tendem a estudá-la a partir de testes metalinguísticos e análises meramente quantitativas, buscando apenas quantificar e não compreender o fenômeno².

Outra questão que se coloca é a própria categorização do fenômeno, uma vez que, em muitos casos de troca, não é possível afirmar com certeza de que tipo de parafasia

¹ Alguns autores também se referem à divisão entre parafasias fonológicas, formais e semânticas (GOODGLASS, 1999; EDWARDS; BASTIANSEN, 1998).

² O teste mais utilizado para este tipo de *contabilização* é o Teste de Nomeação de Boston (KAPLAN; GOODGLASS; WEINTRAUB, 2001).

se trata (SOUZA-CRUZ, 2013), ou seja, ela poderia ser caracterizada em mais de uma categoria. Essa dificuldade de categorização do fenômeno segundo as categorias tradicionalmente utilizadas poderá ser observada nas análises dos dados aqui apresentados.

Na abordagem da Neurolinguística enunciativo-discursiva – para além da classificação dos fenômenos linguísticos – busca-se compreender os processos que estão na base desses fenômenos, teorizando sobre a linguagem tanto em sujeitos sem patologias que afetam a linguagem quanto em sujeitos com alguma patologia, a partir de dados dialógicos (BAKHTIN, 1995), isto é, situações reais e contextualizadas de uso da linguagem³. Retomam-se, também, as afirmações de Vygotsky (1994), autor que defendia a ideia de que diferentes processos podem culminar em um mesmo produto. Por essa razão, o foco da pesquisa deve ser as questões subjacentes ao fenômeno observado e não apenas descrição de seu resultado final – nas palavras do autor, o “visível”.

A partir dos pressupostos teóricos da Neurolinguística enunciativo-discursiva, este artigo discutirá o estatuto das parafasias, apresentando, a partir dos dados, as características que inviabilizam a classificação tradicionalmente utilizada, sua compreensão como mero sintoma das afasias fluentes e alguns apontamentos sobre a metodologia utilizada para o estudo dos fenômenos linguísticos nos sujeitos com alguma desestabilização de linguagem.

Buscando compreender o processo subjacente ao fenômeno das parafasias e entendendo que se trata de um fenômeno relacionado ao funcionamento semântico-lexical, torna-se necessário que algumas questões sobre o tema sejam abordadas no desenvolvimento teórico deste artigo. As reflexões apresentadas neste artigo, em especial as análises de dados permitem não só que se avance na compreensão do fenômeno em si, mas também contribuem para a compreensão do funcionamento semântico-lexical na *normalidade* e em *patologias* que afetam a linguagem.

A maioria dos estudos que se interessam pelo funcionamento semântico-lexical, no campo dos estudos neuropsicológicos, incluindo-se aí o estudo das parafasias, enquadram-se numa tendência que Novaes-Pinto (2011a) denomina como “neo-localizacionista”. Segundo a autora, esses estudos buscam correlacionar áreas estritas do córtex cerebral com elementos da linguagem, em uma relação direta entre substratos neurais discretos e palavras e categorias específicas – como verbos, preposições, etc. – e que tem como objetivo postular modelos de organização e acesso lexical e indicar quais substratos neurais participam de processos complexos como linguagem e memória, de forma análoga ao já realizado com processos primários, como a percepção visual, auditiva e tátil-cinestésica.

No que tange à produção de parafasias, chama atenção que o fenômeno das trocas passe a ser referido, na vertente tradicional, como *erro*. Nesses estudos, as parafasias são apenas quantificadas e submetidas à análise estatística com objetivos que servem à classificação em uma determinada categoria ou para fins de orientação terapêutica. A noção tradicional de *erro* traz intrinsecamente uma carga semântica negativa; entretanto, ele pode ser concebido justamente como o lugar da reorganização. Em uma abordagem discursiva do fenômeno, a parafasia é compreendida e estudada como um fenômeno que dá

³ É preciso chamar atenção para o fato de que, mesmo quando a Neurolinguística enunciativo-discursiva se utiliza de algum experimento específico, sua metodologia e sua aplicação são pensadas no sentido de valorizar a interação e a relação entre os sujeitos participantes do processo dialógico. Essa interação pode ser observada nos dados selecionados neste artigo.

visibilidade aos processos linguístico-cognitivos subjacentes. Coudry (1988) já apontava para o fato de que a linguagem na afasia põe o funcionamento da linguagem em câmera lenta e o momento do *erro* é quando a “engrenagem” da linguagem para e dá visibilidade às operações que estão em andamento. Para que essas análises sejam coerentemente fundamentadas, é preciso revisitar alguns outros conceitos da linguística e das neurociências, que serão apresentadas nos tópicos abaixo.

Contribuições das teorias *linguísticas* para o estudo do funcionamento semântico-lexical

Apesar de a afasia se configurar como uma *questão de linguagem*, ela foi, durante muito tempo, estudada majoritariamente no âmbito das ciências médicas,⁴ que tinham como principal objetivo a busca por *sintomas* e *síndromes*, em detrimento da compreensão dos processos linguístico-cognitivos envolvidos nos diferentes quadros de afasia.

As pesquisas que vêm sendo realizadas na perspectiva enunciativo-discursiva têm como foco o que está *preservado* na linguagem dos sujeitos e como eles se utilizam de recursos alternativos para formular seus enunciados, a partir de dados que muitas vezes seriam descartados por serem considerados idiossincráticos ou *variações individuais*. A concepção de linguagem subjacente aos trabalhos desenvolvidos na área pode ser sintetizada por Franchi (1977). O autor define a linguagem como uma atividade constitutiva do sujeito e da própria língua, como uma prática social, resultando do trabalho do sujeito com os recursos da língua.

Não há nada imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos “cortes” metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído. Não há nada universal salvo o processo – a forma, a estrutura dessa atividade. A linguagem, pois, não é um dado ou um resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção, de retificação do ‘vivido’ que, ao mesmo tempo, constitui o simbólico mediante o qual se opera com a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo, em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias. (FRANCHI, 1977, p. 31)

Para o autor, a realidade constitui-se pela linguagem porque é histórica e coletiva e só pode ser compreendida se observada de maneira dialética. Em consonância com as questões colocadas por Franchi, estão os postulados de Bakhtin, autor que tem auxiliado nossas reflexões na área desde os trabalhos de Novaes-Pinto (1999), que explorou os conceitos de *enunciado*, *acabamento*, *querer-dizer*, dentre outros.⁵

⁴ Apesar de concentrar nas mãos dos médicos, Rapp (2003) nos mostra que, já em 1871, Steintal é responsável pela primeira análise linguística das afasias. A autora chama atenção para o fato de essa obra ter sido quase esquecida e para o trabalho de Tesak de resgatar sua importância histórica e científica (RAPP, 2003, p. 77-83).

⁵ A atualidade da filosofia da linguagem bakhtiniana está na sua capacidade de transitar e discutir entre questões de linguística e estilística e na maioria das principais preocupações da vida cotidiana, enfatizando a linguagem como um processo cognitivo e social (CLARK; HOLQUIST apud NOVAES-PINTO, 2012).

Bakhtin (1929) traz uma solução para a problemática da linguagem a partir da dialética, relativizando tanto o poder da língua quanto o do falante: ele assume que é na relação entre *os parceiros da comunicação verbal* que se dá a possibilidade de significação. Na visão bakhtiniana, a fala está indissolivelmente ligada às condições de comunicação, que estão, por sua vez, intimamente relacionadas com as estruturas sociais. Um de seus mais importantes conceitos – e que perpassa toda a teoria linguística desenvolvida pelo autor – é o conceito de *dialogismo*. Trata-se de um conceito complexo, que se refere à necessidade de compreender a linguagem, o homem e mesmo o mundo a partir da relação *eu/outro*. De acordo com Bakhtin (1995, p. 293), todo e qualquer enunciado é *dialógico*, sendo definido como unidade real de comunicação, enunciado único e irrepetível: “antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa do outro)”.

Segundo o autor, o que determina as fronteiras de um enunciado é a alternância dos enunciados dos sujeitos – os sucessivos *acabamentos* dados pelos participantes da comunicação verbal. Essas noções em Bakhtin – enunciado e acabamento – são relevantes, uma vez que são recorrentes em nossas análises e são definidas pelo autor uma em relação à outra, ou seja, de forma imbricada. Por isso, transcreve-se abaixo a definição do autor para esses conceitos:

O primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de responder – mais exatamente, de adotar uma atitude responsiva para com ele (por exemplo, executar uma ordem) [...] É necessário o acabamento para tornar possível uma reação ao enunciado. Não basta que o enunciado seja inteligível no nível da língua. Uma oração totalmente inteligível e acabada, se for uma oração e não um enunciado não poderá suscitar uma reação de resposta: é inteligível, está certo, mas ainda não é um todo. Este todo, indício da totalidade de um enunciado – não se presta a uma definição de ordem gramatical ou pertencente a uma entidade do sentido. A totalidade acabada do enunciado que proporciona a possibilidade de responder (de compreender de modo responsivo) é determinada por três fatores indissociavelmente ligados no todo orgânico do enunciado – 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento. (BAKHTIN, 1995, p. 299)

Outro conceito fundamental do autor para nossas análises, já apontado na citação acima, é o de *querer-dizer*, também chamado de *intuito discursivo*. Segundo Bakhtin (1995, p. 307), “percebemos o que o locutor quer dizer e é em comparação a esse intuito discursivo, a esse querer-dizer que mediremos o acabamento do enunciado”. Para o autor, o intuito-discursivo é o elemento subjetivo do enunciado que entra em combinação com o objeto de sentido para formar uma unidade indissolúvel, que ele limita, vincula à situação concreta (única) de comunicação verbal, marcada pelas circunstâncias individuais e suas intervenções anteriores, isto é, os enunciados anteriores (BAKHTIN, 1995, p. 308). É a partir desse *querer-dizer* que podemos dar ao enunciado do outro o *acabamento* discursivo, que consiste em refutar, afirmar, responder verbalmente. No caso da interação com sujeitos afásicos, podemos perceber que esse acabamento depende, ainda mais, do interlocutor, para complementar ou auxiliar o seu processo de enunciação.

Por fim, retoma-se o conceito de palavra apresentado pela filosofia da linguagem bakhtiniana, de extrema importância no estudo da organização e seleção lexical, principalmente quando se trata da produção de parafasias. O autor compreende o conceito de

palavra como uma unidade material, ideológica, que se relaciona diretamente com a realidade, quando se transmuta em signo e adquire significação. Uma importante característica da definição de Bakhtin está relacionada com a ideia de que a palavra adquire significação (transmuta-se em signo, portanto) na relação eu-outro: “*é a palavra que carrega de um para o outro o ponto de vista único de cada um, e que vai constituir o outro*” (GEGE, 2009). Segundo Flores *et al.* (2009), o conceito de ‘palavra’ em Bakhtin existe para o falante sob três aspectos: a) *palavra da língua*, não pertencente a ninguém, b) *palavra-alheia*, que é dos outros, cheia de ecos de outros enunciados, e c) *minha palavra*, porque, uma vez que se opera com ela em uma situação determinada, com um projeto discursivo determinado, ela se impregna da expressividade do locutor.

No mesmo sentido de Bakhtin, Nunes (2006) defende que a lexicologia deve ser compreendida – em uma abordagem que ele chamou *discursiva* – como a ciência que visa identificar e descrever as unidades lexicais, tendo para com elas um saber especulativo sobre a linguagem; um meio de análise de enunciados em um *corpus*, aliando a lexicologia à teoria do discurso e à semântica discursiva. Essa visão permite-nos olhar para o *funcionamento lexical* e para os “processos históricos de significação que o léxico carrega” (NUNES, 2006, p. 152). Segundo Novaes-Pinto e Souza-Cruz (2012, p. 713), “a lexicologia discursiva traz possibilidades bastante interessantes de análise; não só nos sujeitos normais, mas nas patologias também, em sujeitos em que se verificam dificuldades de encontrar palavras ou produção de parafasias semântico-lexicais”. Para Nunes, questões relativas ao léxico, sintaxe e enunciação estão intrinsecamente ligadas, o que dificulta discuti-las separadamente, visão compatível com os pressupostos da neurolinguística enunciativo-discursiva.

A relação das parafasias com os eixos sintagmáticos e paradigmáticos

Jakobson (1954) enfatizou que a Linguística é um posto privilegiado de observação da linguagem nos estados patológicos e incentivou os linguistas a empreenderem estudos nesse campo. Funcionalista, Jakobson foi o primeiro a buscar explicação para as diferenças entre os dois *tipos* de afasia a partir das dificuldades dos sujeitos com as operações nesses dois eixos: o eixo de seleção (das unidades linguísticas) e o eixo de combinação, formando “unidades de maior complexidade” (1954, p. 37), operações relacionadas aos dois eixos linguísticos – o *sintagmático* e o *paradigmático*.⁶

De acordo com os estudos do autor, cada um dos eixos da linguagem estaria relacionado com um determinado tipo de afasia: (i) afasias *fluentes* – nas quais os sujeitos apresentam dificuldades de *seleção* das unidades, com recorrente presença de parafasias – decorrentes de dificuldades de operação no eixo paradigmático – segundo Jakobson (1954), os sujeitos afásicos com dificuldades de seleção/substituição, em geral, apresentam maior dependência do contexto: o sujeito é capaz de continuar uma conversa iniciada por seu interlocutor, mas apresenta dificuldades de iniciar, ele mesmo, um diálogo; (ii) afasias chamadas *disfluentes*, nas quais o sujeito apresenta uma maior dificuldade de

⁶ Apesar de definir dois tipos de afasia, a partir das funções dos dois eixos linguísticos, o autor não descartou que ocorram diferentes níveis de comprometimento, gerando outras formas – que foram denominadas *formas intermediárias* – de afasias, determinadas por outras variáveis, como a extensão e localização da lesão.

compor os enunciados, com presença de fala telegráfica, seriam decorrentes da dificuldade de operação com o eixo *sintagmático* ou de *combinação*. Quando a dificuldade está ligada ao eixo de combinação/contextura, o afásico apresenta enunciados que o autor relaciona ao *agramatismo*, por não apresentarem palavras funcionais que relacionem os elementos (preposições, conjunções e cópulas).

A deterioração, segundo Jakobson, de um desses dois polos de funcionamento da linguagem leva também à dificuldade de realização de duas importantes funções semânticas: no caso do sujeito com afasia de seleção, a operação metafórica estaria prejudicada; no caso da afasia de combinação, o que estaria prejudicado seria a capacidade de operação metonímica. Segundo o autor, os afásicos apresentariam um desses dois processos “reduzido ou totalmente bloqueado” (JAKOBSON, 1954, p. 55).

Apesar de discutir as afasias a partir do comprometimento desses dois eixos, Jakobson afirma que, na realidade, não há afasia em que apenas um dos eixos esteja comprometido e o outro funcione plenamente. Há o que o autor chama de *sobreposição/projeção* de um eixo sobre o outro, pois seleção e combinação são processos simultâneos – o comprometimento em um polo leva, em algum grau, ao desarranjo no outro. Com relação à produção de parafasias, pode-se ver nos dados que o contexto sintagmático é, muitas vezes, justamente o que auxilia o afásico a selecionar adequadamente. Há dados em que a relação entre a substituição e a combinação é ainda mais evidente.

A contraparte neuropsicológica do funcionamento semântico-lexical

Para discutir as questões neuropsicológicas envolvidas nos fenômenos das trocas parafásicas, nossa principal referência será Luria (1973, 1986), neuropsicólogo que adota a perspectiva histórico-cultural para os estudos sobre o funcionamento semântico-lexical e que apresenta uma visão dinâmica do cérebro, construída no curso da história social do sujeito.⁷ Segundo Novaes-Pinto (2012a), essa concepção enfatiza a natureza subjetiva e social desse funcionamento, ao afirmar que o cérebro é um órgão moldado pelas experiências externas que, por sua vez, transformam e modificam o funcionamento cognitivo.

Um dos conceitos fundamentais de Luria – e que torna sua teoria compatível com nossa abordagem enunciativo-discursiva – é o conceito de *sistema funcional complexo*, que se refere ao modo integrado de funcionamento de todas as regiões cerebrais, cada qual contribuindo de modo particular para a atividade mental. Essa visão prevê que uma lesão em qualquer ponto do sistema acarreta efeitos no funcionamento dessas funções complexas. Podemos citar, por exemplo, lesões do lobo parietal que podem ter como consequência o comprometimento tanto na orientação visuo-espacial, como em atividades de resolução aritmética e ainda linguísticas – na produção e/ou compreensão de enunciados complexos – com relativas e passivas, por exemplo.

Baseando-se nos trabalhos de Vygotsky (1994) sobre o desenvolvimento dos conceitos, Luria (1986, p. 22) reafirma o papel da linguagem ao longo da filogênese, ao afirmar que “sem o trabalho e a linguagem, não se teria formado no homem o pensamento

⁷ A concepção luriana trata de *ciência e cérebro* como produtos formados no curso da história social, bem como faz uma discussão sobre o objeto da ciência. Luria opôs-se categoricamente aos estudos localizacionistas das funções mentais superiores, buscando mostrar como o meio social e cultural do indivíduo influencia de modo relevante a formação da mente e, conseqüentemente, a organização do pensamento.

abstrato categorial”. Consequentemente, as origens do pensamento abstrato não devem ser buscadas na consciência ou no cérebro, mas sim nas formas sociais de existência histórica. O autor define a linguagem humana como “um sistema complexo de códigos, formado no curso da história social e que permite ao sujeito transmitir sua experiência às demais gerações” (LURIA, 1986, p. 25). Segundo ele, sem a linguagem, a consciência humana não seria nada mais que uma massa amorfa, pois é pela linguagem que o pensamento se organiza, permitindo aos sujeitos saírem dos limites do reflexo imediato sensorial da realidade e refletir sobre o mundo em suas relações complexas e abstratas. Para o autor, a palavra seria responsável por *codificar a experiência do homem*; por criar uma realidade mental – exerce sua função de signo. É por meio das palavras que podemos falar das coisas do mundo, mesmo na ausência dos objetos, individualizando suas características e organizando-as em *sistemas*.

Luria (1986) discutiu a função *categorial da palavra*, relacionada à capacidade humana de criar redes associativas, de acordo com sua experiência e a história da palavra. A reflexão de Luria se respalda nos estudos de Vygotsky (1994) sobre a formação de conceitos e pressupõe o desenvolvimento de muitas outras funções intelectuais, como a atenção, a memória lógica, a capacidade de comparar e diferenciar elementos. De acordo com o autor, no momento em que uma criança aprende uma nova palavra, esta é apenas uma generalização primitiva que, à medida que se desenvolve o intelecto, é substituída por generalizações cada vez mais elevadas. Em um primeiro momento, a palavra é um meio para adquirir o conceito e, posteriormente, tornar-se seu símbolo.

Outra questão interessante tem a ver com o que ele chama de *estrutura psicológica da palavra*. Ele não nega que a principal função da linguagem seja a denotativa ou referencial, função que é, para ele, sempre dirigida *para fora*, para seu objeto correspondente no mundo. Porém, a estrutura semântica da palavra é mais complexa do que a simples designação de um objeto: é esse elemento linguístico que traz para o discurso a significação resultante da relação objeto/sujeito/língua, isto é, o falante utiliza-se das palavras – elemento sógnico que tem um sentido em si – para trazer para seu discurso o objeto de que fala.

É no (e pelo) discurso que o homem pode duplicar o mundo, passando, então, por meio da linguagem, a se relacionar com o que não percebe diretamente e que antes não se ligava com a sua experiência para, a partir disso, operar mentalmente com os objetos (inclusive na ausência deles), dirigir sua percepção, suas representações e até mesmo suas memórias e ações.

Considerando a *palavra* a unidade linguística fundamental, Luria dedicou uma de suas últimas obras para abordar a organização lexical. Para Luria (1986), a investigação da estrutura da palavra requer um enfoque mais amplo, já que as palavras não possuem *um*, mas *muitos* significados, designando objetos e ações totalmente distintos. A polissemia seria, assim, constitutiva dos discursos. Segundo o autor,

A plurissignificação da palavra é mais frequente e a polissemia é antes uma regra da linguagem do que uma exceção. O fenômeno da multissignificação é muito mais amplo do que possa parecer e a referência objetual exata ou o “significado parecido é a escolha do significado necessário dentre uma série de possibilidades”. (LURIA, 1986, p. 34)

Em termos linguísticos, a escolha da palavra seria um processo de significação em que o sujeito participa ativamente. Para Luria (1986), a particularização do significado das palavras, ou seja, a escolha do significado dentre os vários possíveis, é dada pelo uso de *marcadores semânticos* ou *distintivos semânticos*, os quais tornam precisos os significados e diferenciam-nos de outros possíveis. O autor afirma que, junto ao significado referencial de uma palavra, há uma ampla esfera de significados associativos; ou seja, uma palavra pode trazer “uma série de enlaces complementares, que incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata, pela experiência anterior, etc.” (LURIA, 1986, p. 34). Segundo Luria (1986, p. 35),

A palavra não somente gera a identificação de um objeto determinado, mas também, inevitavelmente, provoca a aparição de uma série de enlaces complementares, que incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata, pela experiência anterior, etc. Sendo assim, a palavra “jardim” pode evocar involuntariamente as palavras “árvores”, “flores”, “banco”, “encontro”, etc. e a palavra “horta”, as palavras “batata”, “cebola”, “pá”, etc.

Por trás de cada palavra há um sistema de enlaces sonoros, situacionais e conceituais, que seriam as motivações para a organização semântico-lexical, conceito que nos parece indispensável para a explicação da produção de parafasias e das dificuldades para encontrar palavras. De acordo com essa visão, as relações semânticas seriam explicadas não pela existência de categorias estanques e fechadas, mas por campos amplos e modificáveis, de acordo com fatores socioculturais. Para Luria (1986, p. 37),

Se cada palavra evoca um campo semântico, está unida a uma rede de associações que aparece involuntariamente, é fácil verificar que a recordação de palavras ou a denominação de objetos de nenhuma forma é a simples atualização de uma palavra. Tanto a recordação de uma palavra como a denominação de um objeto são um processo de escolha da palavra necessária dentre todo um complexo de enlaces emergentes e ambos os atos são, por sua estrutura psíquica, muito mais complexos do que se costumava acreditar.

Segundo Luria (1986), em resposta a uma palavra – tomemos como exemplo a palavra “gato” —, podem emergir palavras parecidas pelo som (“pato”), por enlaces situacionais, ou seja, que estejam inseridas em um mesmo contexto (“gato”, “leite”, “rato”, etc.) ou mesmo conceituais (“gato” – animal, ser vivo). Além desses, que seriam diretamente relacionados à palavra-alvo, podem surgir palavras relacionadas à primeira por relações afetivas, o que pressupõe, por definição, a subjetividade (por exemplo, bonito/fofo, etc.)

De acordo com Luria, sujeitos adultos sem patologias apresentam enlaces semânticos como as relações mais essenciais. Em estados especiais de consciência, a capacidade desses sujeitos para selecionar desaparece – ou fica muito reduzida – e os enlaces de outras naturezas surgem com a mesma possibilidade – estados de inibição ou fásicos do córtex. Tal situação pode ocorrer em momentos de transição da vigília ao sono, esgotamento e alguns estados patológicos do cérebro.

A explicação que Luria (1986) nos dá para isso está relacionada com a lei das forças a que nosso cérebro é submetido: de acordo com essa visão, os estímulos fortes (ou importantes) provocam uma reação forte, e os fracos (ou insubstanciais), uma reação

fraca. Essa explicação afirma que, somente se a lei da força está vigente, pode-se realizar o trabalho seletivo do córtex cerebral, que permite “separar os traços essenciais, inibir os insubstanciais e garantir o trabalho estável dos sistemas funcionais complexos”. A alteração das forças de estímulo e de inibição é a responsável pela ocorrência de parafasias e mesmo dos ToTs (*Tip of the Tongue phenomenon*, aquela sensação de que temos a palavra “na ponta da língua”) e das dificuldades de encontrar palavras (*Word Finding difficulties*).

A metodologia qualitativa nos estudos afasiológicos

A abordagem qualitativa dos fenômenos afasiológicos tem sido desenvolvida no campo dos estudos neurolinguísticos desde os primeiros estudos realizados por Coudry (1988). A questão do *método* foi uma das principais preocupações da autora, que criticou a ênfase na avaliação metalinguística que orienta, ainda hoje, as pesquisas neste campo e também o trabalho terapêutico realizado com sujeitos afásicos. Damico *et al.* (1999) defendem o método qualitativo como principal abordagem para os estudos, embora afirmem que os estudos quantitativos não precisam ser abolidos. Segundo Vygotsky (1994), uma das questões fundamentais da pesquisa histórico-cultural é o foco no processo de desenvolvimento do fenômeno estudado, buscando sua gênese e as bases dinâmico-causais para, a partir delas, descrevê-lo e explicá-lo. O autor reforça que a metodologia não deve ser compreendida como uma forma – apenas o caminho –, mas é ela mesma um pré-requisito e o produto, o instrumento e o resultado do estudo. Nas palavras do autor:

[...] embora dois tipos de atividades possam ter a mesma manifestação externa, sua natureza pode diferir tanto quanto à origem quanto à sua essência. A tarefa da análise é revelar essas relações, a essência objetiva dos fenômenos psicológicos ao invés de suas características perceptíveis. (VYGOTSKY, 1994, p. 28)

Por sua preocupação com a questão do método, o autor também traz uma crítica à artificialidade dos métodos experimentais, decorrentes da necessidade de controle rígido das variáveis – um dos requisitos fundamentais para o que hoje é denominado *método científico*.

A partir dos pressupostos da metodologia *vygotskyana*, Góes (2000) discute a proposta do autor para a pesquisa em Ciências Humanas, destacando suas características fundamentais: o fato de ser constituída por

[...] indícios, pistas, signos de aspectos relevantes de um processo em um curso; que elege episódios típicos ou atípicos (não apenas situações prototípicas) que permitem interpretar o fenômeno de interesse; que é centrada na intersubjetividade e no funcionamento enunciativo-discursivo dos sujeitos; e que se guia por uma visão indicial e interpretativo-conjetural. (GÓES, 2000, p. 9)

O termo *microgenética* busca sintetizar a ideia da abordagem. É *micro*, pois vai buscar nos pequenos detalhes, nas observações minuciosas, o que elas podem nos informar sobre o estudo e *genética*, porque busca encontrar a *gênese* do processo, não apenas descrever seu produto. Segundo Góes (2000, p. 12), a relevância da proposta de Vygotsky está em “construir uma micro-história de processos, interpretável somente numa perspectiva semiótica e numa remissão a condições mais amplas da cultura e da história”. O mé-

todo proposto por Vygotsky influenciou, direta e indiretamente, diversos outros autores que se interessaram pelo estudo das funções mentais superiores, como é o caso de Lúria.

O sujeito JM

JM sofreu um AVC isquêmico em agosto de 2008 e participa do CCA desde então. É do sexo masculino, brasileiro, tem 68 anos, casado, pai de quatro filhos, metalúrgico aposentado, com ensino básico completo. Antes do episódio neurológico, JM, segundo seus relatos, **não** tinha o hábito de ler muito, mas “gostava muito de falar (sic)” e de cantar, chegando a fazer parte de uma dupla. Apresenta muitos dados em que aparecem enunciados do tipo “não consigo falar”, “não falo mais” ou “antes eu falava, agora...”. Relata também dificuldade de leitura, apesar de ser possível a leitura de palavras isoladas. Em qualquer tentativa de enunciado escrito, escreve seu próprio nome – na literatura conhecido como *perseveração*.

Análise de dados

Provérbio 1 – “Aqui se faz, aqui se...”

Contextualização: na transcrição a seguir, JM ainda está participando do jogo de provérbios. Após complementar o provérbio, JM terá que dar um exemplo de situação em que todos poderiam utilizar o referido provérbio.

| Turno | Sigla | Transcrições | Observações |
|-------|-------|----------------------------------------------------|--------------------------------------------------------|
| 1 | Irn | Sr. JM... Aqui se faz... Aqui se, faz aqui... se:: | |
| 2 | JM | Sente. Não! | Gesto de negação com a mão e a cabeça |
| 3 | Irn | É... também... Aqui se faz aqui se... | |
| 4 | JM | P/ Pa::la... não... | |
| 5 | Irn | Ó Pa.... Paga | Irn faz gesto de dinheiro com a mão e é seguida por JM |
| 6 | JM | Pa::ga aqui si paga... si apaga... | Gesto de negação com a cabeça após enuncia “apaga” |
| 7 | Irn | Paga | |
| 8 | JM | É | |
| 9 | Irn | Então, vamo lá... Aqui se faz, aqui... | |
| 10 | JM | Pa:: | |
| 11 | Irn | Paga. | |
| 12 | JM | Paga. | |

Neste episódio, ao tentar complementar o provérbio “aqui se faz aqui se paga”, JM produz duas interessantes parafasias, além de deixar clara sua dificuldade em encontrar palavras. Logo em seu primeiro enunciado, ao tentar dizer “paga”, JM produz em seu

lugar “sente” e imediatamente, percebe que não produziu a palavra adequada. Embora não haja relação semântica evidente entre “paga” e “sente”, o sentido do provérbio não é totalmente esvaziado com essa troca, uma vez que quem faz algo ruim, deve *sentir* as consequências de seus atos, o que permite considerar essa parafasia também semântica. A troca se dá (assim como na maioria das vezes e na maioria dos sujeitos) dentro da mesma categoria semântica e gramatical: JM troca um verbo (pagar) por outro verbo (sentir), e assim será na maioria das ocorrências com a maioria dos sujeitos.

Na segunda tentativa, ele mesmo inicia pronunciando o início da palavra adequada: /p/ e produz outra parafasia, desta vez literal: *pa::la*. No enunciado seguinte, produz corretamente: *Pa::ga aqui si paga...*, o que pode ter ocorrido auxiliado pelo enunciado da mesma palavra por Irn, ou mesmo pelo gesto de *dinheiro* feito por ela. Infelizmente não há como resgatar isso na transcrição, mas o /p/ já era enunciado pelo sujeito ao mesmo tempo em que Irn; não há como afirmar, entretanto, que JM fosse produzir a palavra corretamente⁸.

Logo em seguida, no mesmo enunciado, JM tenta repetir e o que enuncia é: *si apaga*. Novamente, ele não sai da classe gramatical pretendida. Além disso, por mais claro que fique a relação sonora entre as duas palavras, podemos, também, encontrar uma relação de sentido, já que, ao “pagar” pelo erro o sujeito se livraria dele, apagando-o. Devemos nos lembrar que a explicação de Luria para as trocas é a de que os enlaces podem ser de natureza semântica, sonora ou afetiva.

No restante dos enunciados, Irn investiga se JM, de fato, sabe o significado do provérbio. Fica clara sua dificuldade em iniciar essa explicação⁹. JM, sabendo que tem uma dificuldade maior de selecionar e combinar os elementos linguísticos devido ao episódio neurológico, ao estar cara a cara com sua dificuldade, recua e passa a se desculpar, com expressões do tipo “eu não” e “é que eu...” (turnos 16 e 20). Porém seu entendimento é comprovado com as respostas que dá às perguntas feitas por Irn, demonstrando que compreende o significado e o uso do provérbio.

Provérbio 2 – “De boas intenções...”

| Turno | Interlocutor | Enunciado | Observações |
|-------|--------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|
| 1 | Irf | Olha esse provérbio... De boas intenções o... Como é esse provérbio? De boas intenções o inferno está... chi::: | <i>Prompting</i> sonoro para “cheio” |
| 2 | JM | Si::...San::to. Não! | Lendo o que está escrito no cartão |
| 3 | Irf | Olha, vamos lá... de boas intenções... | |
| 4 | JM | Istã... ist... | Lendo “está” no cartão |

⁸ Aqui, fica clara a questão levantada anteriormente, relativa ao *acabamento e à alteridade*.

⁹ No entanto, não é possível afirmar que essa dificuldade venha exclusivamente de sua linguagem comprometida. Qualquer um que seja solicitado a explicar o significado de um provérbio pode ter dificuldade em fazê-lo, seja pelo desconhecimento de seu significado, seja pela necessidade de “traduzir” a metáfora. De maneira geral, recorre-se a um exemplo de uso para fazê-lo.

| | | | |
|----|-----|--------------------------------------------|--|
| 5 | Irf | Intenções... O inferno está... | |
| 6 | JM | F.. fo... | |
| 7 | Irf | Olha o bico: chi:: Cheio. | |
| 8 | JM | Cheio. | |
| 9 | Irf | Isso! Você já ouviu usarem esse provérbio? | |
| 10 | JM | Sim. | |

Esse dado é extremamente rico para o estudo das parafasias e das dificuldades de encontrar palavras. Como há a presença de muitas parafasias, buscamos descrevê-las pela relação entre elas e não necessariamente pela ordem que aparecem na transcrição.

A partir do *prompting* dado por Irf (*ch::*, turno 1), JM produz *si*, fazendo emergir um enlace sonoro não com a palavra-alvo (*cheio*), mas justamente com o próprio *prompting*. Ao notar que o que está produzindo não é o correto para chegar ao provérbio (palavra-alvo), JM para e reelabora seu enunciado. Porém, o que enuncia ainda não é o que quer dizer. JM produz *santo*, mas, se observarmos bem, veremos que há relação semântica, principalmente levando em consideração o fato de JM ser muito católico. Além dessa relação, podemos pensar em uma relação por antonímia – *santo/inferno*. Ao notar que não enuncia a palavra desejada, JM rapidamente nega seu enunciado (turno 2) e busca, mais uma vez, reelaborar o seu querer-dizer, sendo auxiliado por sua interlocutora.

Para essa retomada, Irf mostra o provérbio escrito, na tentativa de auxiliar JM. Ela deixa à mostra apenas a primeira parte do provérbio, para que continue fazendo sentido pedir que ele o complemente. Ao tentar enunciar ‘está’, JM produz *istã*, o que pode nos indicar o início de um “estamos”, mostrando, mais uma vez que JM parece não perder sua palavra-alvo de vista. Irf prossegue lendo o provérbio (turno 5) e JM, mais uma vez, tenta terminá-lo, mas produz outra parafasia muito interessante. No turno 6, JM, em vez de ‘cheio’ (palavra-alvo) produz *f:: fo*. Nesse dado, há uma relação semântica evidente, pois, apesar de não podermos afirmar que JM produziria ‘fogo’, podemos fazer uma relação entre essa palavra e a palavra ‘inferno’, presente no provérbio. Apesar de não parecer se tratar da palavra-alvo, é preciso levar o contexto em consideração para a análise dessas trocas. Essa parafasia mostra, mais uma vez, que as relações estão imbricadas demais para serem classificadas de forma tão estanque.

Na sequência, Irf busca, mais uma vez, dar um *prompting* sonoro para JM e, em seguida, enuncia a palavra-alvo. Ao observar Irf enunciando-a, JM repete sem apresentar dificuldades. Ao completar o provérbio, Irf passa a discutir com o sujeito os usos que os falantes podem fazer dele, buscando verificar se JM realmente entendeu o significado do provérbio.

Nessa mesma sessão, em um momento posterior, Irf pede a JM que, a partir da leitura de uma parte de outro provérbio (“o que os olhos não veem o coração não sente”), que o leia em voz alta. JM, já no início dessa leitura produz mais uma parafasia: ao tentar enunciar ‘olhos’, produz *olha* e, ao tentar produzir ‘veem’, produz *visse* e, posteriormente a forma infinitiva do verbo, ou seja, *ver*. Mais uma vez, JM respeita a relação entre a

palavra-alvo e a palavra enunciada. Outra troca ocorre ao tentar ler ‘coração’ (paralexia¹⁰). Nesse momento, ele lê *comer*. Ao notar a troca, JM mais uma vez tenta produzi-la e, novamente, o que sai não é o esperado: *como*. Irf mais uma vez tenta ajudá-lo com um *prompting* sonoro. Ao perceber que JM não conseguiu enunciar a palavra-alvo, Irf tenta outra alternativa e pergunta ao sujeito o que bate dentro do peito. Dessa vez, JM não tem nenhuma dificuldade em produzir a palavra-alvo: *o coração*.

Como pode-se observar, esse episódio é extremamente rico para pensarmos sobre o fenômeno das trocas. No entanto, os métodos utilizados pela neuropsicologia tradicional não abrem caminho para esse tipo de observação. Chama também a atenção a recorrência de parafasias em um sujeito com diagnóstico de afasia não fluente.

Considerações finais

As parafasias semânticas são fenômenos linguísticos relacionados ao processo de seleção lexical. A partir do estudo dessas trocas, podemos observar características do processo de seleção e organização semântico-lexical que, em situações *normais* de linguagem não estariam tão evidenciadas. Este artigo tentou salientar algumas características das parafasias, bem como sua relação com o funcionamento semântico-lexical.

A partir das discussões e dos dados apresentados, buscou-se explicar a complexidade desse fenômeno e também que, em muitos casos, a classificação tradicionalmente proposta não corresponde ao que se observa quando as parafasias são analisadas a partir de seu contexto de produção. Ainda sobre a produção de parafasias, pode-se afirmar que sua produção é sempre motivada, seja sonora, semântica ou afetivamente, como descrito por Luria (1986) e retomado na discussão teórica deste artigo.

Como já citado anteriormente, a discussão sobre a produção das parafasias aqui apresentada baseia-se nas discussões teóricas e metodológicas da Neurolinguística de abordagem enunciativo-discursiva, privilegiando uma visão qualitativa sobre essas trocas e enfocando o processo subjacente aos fenômenos linguísticos envolvidos na produção de parafasias. Compreender esse processo só é possível se observarmos a ocorrência do fenômeno em seu contexto de produção, ou seja, a partir da análise de enunciados concretos.

É provável que o um trabalho de quantificação e de tipologização das trocas possa indicar algumas características sobre o fenômeno e que poderá auxiliar em uma futura generalização do fenômeno. No entanto, o trabalho estatístico que se tem feito a partir de palavras isoladas perde ao não observar características fundamentais para a compreensão da natureza do fenômeno, levando a equívocos como a classificação de parafasias *sem relação semântica aparente* ou mesmo a ideia de que o que se trocou foi uma letra (elemento da língua escrita, equivocadamente transposta para o campo da língua falada).

Um estudo qualitativo, que busque identificar — ou no mínimo apontar — a relação da palavra produzida com a palavra-alvo, respeitando — e levando em conta — seu contexto específico de produção, sem dúvida culminará em um processo terapêutico mais efetivo, no que tange a alcançar o querer-dizer desses sujeitos, que valoriza e focaliza sua produção — não mais sua perda — e os processos alternativos de significação que eles criam para alcançar seu querer-dizer. O uso de *jogos*

¹⁰ Assim como a parafasia, a paralexia é uma troca, mas que ocorre no momento em que o sujeito afásico está lendo.

de linguagem ou mesmo de provérbios, como aqui demonstrado, têm-se mostrado recursos interessantes para o trabalho não apenas com parafasias, mas nas afasias como um todo¹¹.

É certo que, em casos de perturbação de linguagem – tanto nas afasias quanto em outros casos de perturbação da linguagem (cf. LURIA, 1986) –, é provável que a frequência da produção de parafasias seja maior e que as condições para o controle e reformulação de seus enunciados estejam afetadas pela lesão. No entanto, limitar o fenômeno a mero sintoma de determinado tipo de afasia não auxilia nem no tratamento dos afásicos, nem para a compreensão do fenômeno.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo. Hucitec, 1929.
- _____. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CAZELATO, S. E. O. *A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo*. Tese (Doutorado) – IEL/Unicamp, Campinas, SP, 2003. Disponível em: <http://libdig.unicamp.br/document/?code=vtls000296051>. Acesso em: 5 nov. 2012.
- COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- DAMICO, J. S. et al. Qualitative methods in aphasia research: basic issues. I: *Aphasiology*, v. 13, n. 9-11, p. 651-665, 1999.
- EDWARDS, S.; BASTIAANSEN, R. Diversity in the lexical and syntactic abilities of fluent aphasic speakers. *Aphasiology*, v. 12, p. 99-17, 1998.
- FLORES, V. do N. et al. (Org.) *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FRANCHI, L. C. *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*. Teses IEL/Unicamp, 1977.
- GEGe. *Palavra e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009.
- GÓES, M. C. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos Cedex*, v. 50, ano XX, p. 9-25, 2000.
- GOODGLASS, H. Stages of lexical retrieval. *Aphasiology*, v. 12, n. 4-5, p. 287-298. Acesso em: 3 ago. 2011.
- JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: _____. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1954.
- KAPLAN, E.; GOODGLASS, H.; WEINTRAUB, S. *The Boston naming test*. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2001
- LURIA, A. R. *The working brain: an introduction to neuropsychology*. New York: Basic Books, 1973.
- LURIA, A. R. *Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

¹¹ Para mais informações sobre o uso de provérbios e ditados populares na clínica afasiológica, ver o interessante trabalho realizado por Cazelato (2003).

NOVAES-PINTO, R. *Dificuldades de encontrar palavras e produção de parafasias nas afasias e nas demências*: inferências para o estudo da organização e do acesso lexical. In: Projeto de Pesquisa – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2011a.

_____. Desafios Metodológicos da Pesquisa em Neurolinguística no início do século XXI. *Estudos Linguísticos*, v. 40, 2011b.

_____. Cérebro, Linguagem e funcionamento cognitivo na Perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. *Letras Hoje*, v. 47, 2012a.

NOVAES-PINTO, R.; SOUZA-CRUZ, T. C. Organização semântico-lexical em categorias específicas: discussão crítica com base em dados de situações dialógicas e de estudos experimentais com sujeitos afásicos. *Estudos Linguísticos*, v. 41, n. 2, p. 708-722, maio-ago 2012.

NUNES, J. H. Lexicologia e Lexicografia. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPY, M. *A palavra e a frase*. São Paulo: Pontes, 2006.

SOUZA-CRUZ, T. C. *Em briga de marido e mulher ninguém mete: o garfo!* Estudo neurolinguístico da produção de parafasias semânticas em sujeitos afásicos. Dissertação (Mestrado) – IEL/Unicamp, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000909838>. Acesso em: 09 ago. 2014

RAPP, C. *A palavra paralela?* Tese (Doutorado) – IEL/Unicamp, 2003. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000314778>. Acesso em: 9 ago. 2014

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.